



#cm
2
QUARTA-FEIRA

bloco do Ney na avenida

Enredo da **Imperatriz Leopoldinense**, cantor **faz show** especial da sua sua turnê '**Bloco na Rua**' com **participação de Iza** e de integrantes da **escola de Ramos**. Página. 2

Um camaleão no mundo do samba

Participando ativamente dos preparativos do desfile da Imperatriz, Ney vive, aos 84 anos, um momento especial de sua carreira

AFFONSO NUNES

Aos 84 anos e com a mesma energia que o consagrou há cinco décadas, Ney Matogrosso segue desafiando o tempo e conquistando plateias. Na semana passada, o cantor estreou no Chile com apresentação no Teatro Caupolicán, em Santiago, dentro do Festival Teatro a Mil, e a recepção do público chileno foi tão entusiástica que o artista precisou estender o show por mais meia hora. A vitalidade demonstrada no palco chileno é a mesma que ele trará ao Vivo Rio nesta quarta-feira (4) em edição especial da turnê "Bloco na Rua", desta vez acrescida de "Em Noite Camaleônica", com participação de segmentos da Imperatriz Leopoldinense e da cantora Iza, rainha de bateria da verde e branco de Ramos.

O encontro entre um dos mais aclamados cantores brasileiros e uma das mais tradicionais escolas de samba do carnaval carioca antecipa o que o público verá na Marquês de Sapucaí quando a Imperatriz desfilar como segunda escola do domingo de carnaval. Escolhido como enredo da verde, branco e dourado para 2026, Ney se tornou protagonista de "Camaleônica", trabalho assinado pelo carnavalesco Leandro Vieira que celebra sua obra musical, sua capacidade de reinvenção e sua virtuosidade performática. Vieira, que completa seu quarto carnaval consecutivo à frente da escola, encontrou no cantor um personagem que segue a tradição da Imperatriz de homenagear figuras marcantes da música popular brasileira.

"Estou vivendo um momento único da minha vida", tem repetido Ney em entrevistas, acrescentando que o convite que recebeu do carnavalesco da Imperatriz foi decisivo.



“Se o Brasil fosse gerido como as escolas de samba são, tinha que dar certo”

NEY MATOGROSSO

"O Leandro Vieira me encantou", reforça o cantor, que vem participando ativamente dos preparativos do desfile e frequentando os ensaios da quadra da escola. O artista mostrou-se impressionado com o nível de profissionalismo envolvido na organização do carnaval. "Se o Brasil fosse gerido como as escolas de samba são, tinha que dar certo", elogiou.

A apresentação no Vivo Rio promete ser mais do que um show convencional. Com a presença da bateria Swing da Leopoldina, comandada por Mestre Lolo, o espetáculo incorpora elementos carnavalescos que transformam o palco em um ensaio geral da festa maior. O intérprete oficial da escola, Pitty de Menezes, e o primeiro casal de mestre-sala e porta-bandeira, Phelipe



Ney Matogrosso vem conquistando a comunidade de Ramos com sua presença constante nos ensaios da Imperatriz Leopoldinense

Lemos e Rafaela Theodoro, trazem a linguagem visual e performática da agremiação para o contexto do aclamado show de Ney.

O repertório do show recupera canções que ajudaram a construir a imagem camaleônica do artista. Músicas como "Bloco na Rua", que empresta seu nome ao projeto, e "Jardins da Babilônia" estarão ao lado de clássicos como "Sangue Latino", faixa que se tornou um dos maiores sucessos de sua discografia desde o tempo dos Secos & Molhados.

"Será um momento muito especial. Uma celebração à vida e carreira daquele que é o nosso enredo para 2026. E para a Imperatriz, fazer parte desse espetáculo é histórico. Espero por todos os fãs do nosso camaleônico e da nossa escola nesse dia. Tenho certeza que será incrível", afirmou Cátia Drumond, presidente da Imperatriz Leopoldinense, que busca seu décimo campeonato.

Ney receberá Iza em seu show especial. A cantora é também a rainha de bateria da escola de Ramos

SERVIÇO
NEY MATOGROSSO, IZA & IMPERATRIZ LEOPOLDINENSE - BLOCO NA RUA EM NOITE CAMALEÔNICA
 Vivo Rio (Av. Infante Dom Henrique, 85, Parque do Flamengo) | 4/2, às 20h
 Ingressos: R\$ 160 e R\$ 80 (meia)



Divulgação

Jazz sem fronteiras

AFFONSO NUNES

Encontros entre músicos de jazz sempre são acontecimentos criativos regidos pela imprevisibilidade. E quando artistas de diferen-

Saxofonista canadense Jean Pierre Zanella se junta a músicos cariocas e argentinos para noite de improvisação no Audio Rebel

tes trajetórias e origens se reúnem, o resultado vai além do repertório: surgem novas leituras, diálogos musicais e um enriquecimento real da cena local. De passagem pelo Brasil, o saxofonista canadense Jean Pierre

Zanella se apresenta nesta quarta-feira (4) no Audio Rebel ao lado de nomes consolidados da cena musical carioca. O quinteto formado por Zanella, Zé Maria (saxofone), Zezo Olímpio (piano), Alex Rocha (bai-

xo) e pelo argentino Roberto Rutigliano (bateria) promete uma noite de diálogo musical espontâneo, sem roteiros fechados.

Graduado pela prestigiada Eastman School of Music em Nova

Conhecedor e estudo da música brasileira, o saxofonista Jean Pierre Zanella participa da noite de jazz no Audio Rebel

York, Zanella construiu uma sólida trajetória na cena jazzística de Montreal. Sua relação com a música brasileira, porém, é antiga e profunda. Casado com a brasileira Mima Souza, o saxofonista frequenta o Brasil desde 1987 e recebeu em 2015 a Ordem do Rio Branco do governo brasileiro por sua atuação na promoção do intercâmbio cultural entre Brasil e Canadá. Seu álbum mais recente, "Rio Minas", é dedicado inteiramente à obra de Milton Nascimento e Chico Buarque, dois artistas que, segundo ele, representam tudo o que ama na música: ritmo, melodia, harmonia e poesia.

Membro da Orchestre National de Jazz de Montréal desde 2013, Zanella é conhecido por sua versatilidade entre saxofone alto, soprano e tenor, e por sua capacidade de fusionar a tradição jazzística norte-americana com sonoridades brasileiras. Para o show no Audio Rebel, o repertório incluirá clássicos de Milton Nascimento e Tom Jobim, além de composições autorais de Zanella e Rutigliano, criando uma ponte entre a bossa nova, o jazz contemporâneo e a improvisação livre.

A apresentação será conduzida pelo jornalista espanhol Chema Garcia Martinez, que contextualiza o encontro para o público. Trata-se de uma oportunidade rara de assistir a um processo de criação ao vivo, em que a escuta mútua e o diálogo entre instrumentos definem os rumos da música em tempo real.

SERVIÇO

JEAN PIERRE ZANELLA
Audio Rebel (Rua Visconde de Silva, 55, Botafogo)
4/2, às 20h
Ingressos: R\$ 50 (antecipado) e R\$ 60

ROTEIRO MUSICAL

POR AFFONSO NUNES



Divulgação

Aquela bossa feminina

A cantora sul-coreana Yumi Park e a pianista brasileira Ana Azevedo se apresentam nesta quarta (4), às 20h, no Blue Note Rio, com o projeto "O Nome Delas", que revisita clássicos da bossa nova dedicados a mulheres. O repertório inclui composições clássicas do cancionista bossanovista como "Luíza", "Lígia" (ambas de Tom Jobim), "Doralice" (Dorival Caymmi e Antônio Alemida) e "Garota de Ipanema" (Tom e Vinícius de Moraes). A base rítmica, a famosa cozinha, fica por conta de Lipe Portinho (contrabaixo) e André Fróes (bateria).



Divulgação

Honrando George Benson

Guitarrista, compositor e produtor musical, o mineiro Jimi Oliver apresenta nesta quarta-feira (4), às 22h30, no Blue Note Rio, seu tributo ao lendário guitarrista George Benson. Interpretando grandes clássicos como "Affirmation", "Breezin'", "Mornin'" e "Clockwise", o show traz um repertório dinâmico e marcado pela virtuosidade que consagrou a era de ouro de George Benson. Acompanham o guitarrista os músicos Dodô Marcelino (contrabaixo), Diego Vasconcelos (bateria) e Samuel Siciliano (piano).



Divulgação

Aquela bossa gaúcha

O cantor e compositor gaúcho Gastão Villeroy apresenta nesta quarta-feira (4), às 21h, o show "That Bossa Note" no Beco das Garrafas. Natural de São Gabriel (RS), Villeroy interpreta canções de seu trabalho recente e clássicos do gênero ao violão e voz, acompanhado por Adriano Souza (piano), André Vasconcellos (contrabaixo) e Di Stéfano (bateria). Juntos, os músicos prometem levar o público a uma viagem musical que passa pela tradição e chega à contemporaneidade, mantendo a sofisticação harmônica e o swing típicos do gênero.

CORREIO CULTURAL



Mariana Aydar e Mestrinho em show registrado pelo projeto

Projeto Te Vejo no Palco abre inscrições

O Prêmio BTG Pactual da Música Brasileira abriu inscrições para o edital 2026 do projeto Te Vejo no Palco, que oferece gravação profissional gratuita de shows ao vivo para artistas de todo o país. A ação é voltada a músicos de todos os gêneros e disponibiliza estrutura para registro audiovisual de apresentações. Os vídeos serão exibidos nos canais oficiais do Prêmio e poderão ser utilizados pelos artistas em suas plataformas.

A seleção avaliará originalidade, relevância artística, impacto cultural e repertório. Em 2025, o projeto recebeu mais de 400 inscrições e selecionou seis espetáculos, contemplando nomes como Martte, Vitor Xamã, Bruna Alimonda, Mariana Aydar e Mestrinho, Jhonny Hooker e Chico César. As inscrições estão disponíveis no site do Prêmio.

Boteco carioca em Punta

Depois de transformar a região do Largo de São Francisco da Prainha, na Zona Portuária, em um dos endereços mais badalados da vida boêmia do Rio, o cozinheiro e empreendedor carioca Raphael Vidal leva agora o sabor, o charme e a identidade dos botequins da cidade para o exterior. Neste sábado (7), ele apresenta, em Punta del Este (Uruguai), o projeto "Comida de Boteco Carioca: Sabores que Contam Histórias", durante o Festival Medio y Medio, compondo a terceira edição do ¡Hola Rio!

Ele foi baixinho

Bad Bunny afirmou que sonha em conhecer o Brasil desde a infância e revelou ter sido marcado por Xuxa, ícone da TV brasileira. Prestes a se apresentar no Super Bowl, o cantor porto-riquenho contou à Vogue Brasil, que sempre teve curiosidade em visitar o país.

Ele foi baixinho II

“Não sei por quê, mas sempre sonhei em ir ao Brasil. Acho que tem a ver com a música e a cultura”, afirmou. “Quero explorar as cidades, viver experiências musicais, culturais e espirituais”, afirmou. Vencedor do Grammy de álbum do ano, o cantor desembarca em São Paulo nos dias 20 e 21.

Netflix transmite volta do BTS

O show de retorno do grupo de k-pop BTS, que dará fim a um hiato que se estendia desde 2022, terá transmissão ao vivo da Netflix, em 21 de março. O anúncio foi feito em conjunto pelo grupo e pela plataforma. A transmissão do evento na praça Gwanghwamun, marco histórico de Seul, na Coreia do Sul, começará às 8h da manhã, no horário de Brasília.



Recordista absoluto de indicações ao Oscar, 'Pecadores' é destaque na Mostra da ACCRJ

Criticamente espantoso

O terror galga espaço nunca antes conquistado nas premiações do cinema com as indicações ao Oscar a 'Pecadores' e 'A Hora do Mal', que serão debatidos na mostra da ACCRJ na Caixa

RODRIGO FONSECA
Especial para o Correio da Manhã

Duas produções nas raias do terror estão concorrendo ao Oscar 2026, ampliando o prestígio de um filão muitas vezes esnobado nas premiações, mas essencial à contextualização política do Mal (o mítico, o místico e o concreto) ao nosso redor: "Pecadores" ("Sinners") e "A Hora do Mal" ("Weapons"). Ambos integram na mostra Melhores do Ano, organizada na Caixa Cultural pela Associação de Críticos de Cinema do Rio de Janeiro (ACCRJ), com base em sua própria enquete dos longas-metragens de maior vigor estético de 2025.

“Ao utilizar o medo como um dispositivo de representação da intolerância, o terror opera como uma ferramenta utilíssima para debater a perda da empatia na sociedade contemporânea. O que nos assombra é ver esse dispositivo tão bem trabalhado, numa fronteira entre o pop e o filosófico”, explica a jornalista, escritora e crítica Ana Carolina Garcia, atual presidente da ACCRJ. “O terror não se atém a fazer a plateia levar sustos, buscando conduzi-la à reflexão por meio da discussão sociológica”.

Nesta quarta-feira, na Caixa Cultural, a crítica Luciana Costa vai decifrar os enigmas estilísticos que fizeram de "A Hora do Mal" uma máquina de fazer dinheiro.



Amy Madigan brilha em 'A Hora do Mal'

agarra-se à cadeira e rói as unhas até à raiz.

Recordista absoluto de indicações ao Oscar, nomeado em 16 categorias (um feito histórico na indústria), "Pecadores" foi... de longe... o melhor filme do primeiro semestre de 2025. Faturamento beirou US\$ 364 milhões. Sua projeção na Caixa está marcada para o dia 10, às 16h30, também com Luciana Costa.

Com a alta de seu cacife nos preparativos da cerimônia da Academia (agendada para 15 de março), o longa volta a pipocar por telas de todo o mundo, consagrando-se como exemplar do filão terror antirracista, o mesmo que nos deu "Corra!" (2017). Seu realizador, Ryan Coogler, bateu a barreira do bilhão, em 2018, com "Pantera Negra", e vem agora tratar de vampiros e da Ku Klux Klan. Ambas as forças das trevas vão atazar os juízos de dois empresários do ramo da Caninha da Roça que dão ao blues lugar de honra em seus negócios.

Tais negociantes, irmãos gêmeos, têm o ator Michael B. Jordan, da franquia "Creed" (2015-2023), como intérpretes, numa atuação em (duplo) estado de graça. Os manos Moore, Elijah Smoke e Elias Stack, dão a B. Jordan deixa para se firmar como um dos astros mais populares de nosso tempo. Sua trama, avessa ao colonialismo, põe sugadores de sangue num bar de beira de estrada, no Mississippi pós I Guerra, na qual múltiplas ancestralidades egressas da África se manifestam.



Em 'Projecto Global', a agitação de ativistas mobiliza Portugal numa luta pela liberdade

O 'Agente Secreto' de Portugal



INTERNATIONAL
FILM FESTIVAL
ROTTERDAM

Eletrizante recriação da Lisboa pós-Revolução dos Cravos, o thriller 'Projecto Global', de Ivo M. Ferreira, renova a força do cinema lusitano em competição nas telas de Roterdã

RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

Rosa acredita num outro Portugal, bem distinto daquele em que mulheres como ela vivem, nas raias dos anos 1980, cerca de seis anos de-

pois de aquele país ter passado pela Revolução dos Cravos e tirado o retrato do velho António de Oliveira Salazar (1889-1970) das paredes das repartições públicas. Interpretada silenciosa e magistralmente por Jani Zhao, a personagem de ascendência asiática que nos conduz por veredas distintas (ora é dor, ora é júbilo, mas sempre é tensão) do épico "Projecto Global", percebe o quanto a euforia revolucionária da Lisboa de outrora... de bem pouco tempo atrás... deu lugar à desilusão. Fábricas fecham, trabalhadores erguem barricadas e a política é a voz dominante em todas as gargantas.

À medida que a pátria banhada pelo Atlântico e embalada pelo fado se embrenha em agitações sociais, um grupo armado de extrema-esquerda, chamado FP25, entalha seu nome no carvalho da História. É dele que fala o longa-metragem de Ivo M. Ferreira, responsável por um redesenho febril da força cinematográfica do audiovisual português. O Festival de Roterdã, realizado na Holanda, é seu berço, em sessões na mostra Big Screen Competition, antecedendo sua estreia em circuito na Península Ibérica, agendada para 23 de abril.

"Eu fiz, antes de tudo, uma ficção... uma ficção livre de qualquer invenção pedagógica, sem incorrer em fantoches morais, que se inspira em várias pérolas colhidas num trabalho de pesquisa e em horas passadas com a malta (turma) da polícia e com ex-operacionais", conta Ivo ao Correio da Manhã, num papo via Zoom em Roterdã, lembrando



“O único saudosismo nessa recriação do passado é a energia da época, com sua pulsão libertária”

IVO M. FERREIRA

ter ouvido do pai que Salazar foi "um grande atraso de vida" para sua nação.

"O único saudosismo nessa recriação do passado é a energia da época, com sua pulsão libertária. Havia por ali um certo impulso que dava lugar ao erro, à hesitação, e tudo o que eu não poderia fazer era incorrer numa super estiliza-

ção. Não poderia ser cinemão. Tivemos meios para filmar, mas não tínhamos uma grua. Não podia ser burguês".

Em sua trama, Rosa se junta a um grupo de jovens desiludidos com o Portugal pós-Revolução. Integrados numa organização avessa às leis vigentes à época, eles partilham ideais políticos e um quotidiano que os aproxima cada vez mais, mas o idealismo colide de frente com o país em mudança e com uma vasta operação policial que os tem como alvo. De certa forma, o painel histórico pintado por Ivo (capaz de evocar, à moda lusa, marcos da Nova Hollywood, como "A Trama", de Alan J. Pakula, e "Operação França", de William Friedkin) se conjuga bem como os feitos do pernambucano Kleber Mendonça Filho no concorrente brasileiro a quatro Oscars "O Agente Secreto" – também em exibição em Roterdã, mas em mostra paralela. Uma mesma atriz, a sempre impecável Isábel Zuaa, está em ambos os filmes.

"A espinha dorsal do meu filme é a ambivalência moral e a dúvida. Mas, apesar delas, o arco da trama está construído sobre a relação entre aquelas pessoas, pois o que fica de um processo desses não é a política, são as amizades", diz Ivo, que concorreu ao Urso de Ouro das Berlinale, em 2016, com "Cartas da Guerra".

No ardor de "Projecto Global", as vidas de figuras como Rosa são feitas de assaltos a bancos, bombas, prisão, amores e mortes. Encurrala-

dos, os integrantes daquela facção têm a fuga como única escolha. Esse destino rende, em tela grande (ou ecrã, como falam na Terrinha) um espetáculo filmico fulgurante, de tirar o fôlego mesmo nas sequências de falatórios, onde cada palavra é uma dinamite a explodir segredos letais. No elenco, Além de Zhao, destaca-se o desempenho do também diretor Gonçalo Waddington e de Isac Graça, além do fino trabalho de direção de fotografia de Vasco Viana.

"Todos os dias, ao fim da filmagem, quando chegávamos ao hotel, Vasco ia ao copião, a fim de corrigir a cor, ciente de que, nas filmagens, obedecíamos às pulsões da câmara, deixando os atores irem... livres", diz Ivo. "Existe um frenesi nas personagens que se espelha no convívio ético e moral entre elas".

Roterdã segue até o próximo domingo, tendo a ficção científica brasileira "Yellow Cake", de Tiago Melo, na arrebatar corações na competição chamada Tiger, sobretudo pelo desempenho de Tânia Maria, a dona Sebastiana de "O Agente Secreto". Seu diretor fez antes "Azougue Nazaré" (2018). Ambientada em Picuí, situada em uma região conhecida por ter "Terras Raras", na Paraíba, essa sci-fi explora um dos lados mais perigosos da mineração (o risco de contágio por radiação). Mineiros como tântalo, nióbio e (sobretudo) urânio estão no foco da saga de Rúbia Ribeiro (Rejane Faria), uma cientista nuclear envolvida em um projeto secreto para erradicar o Aedes aegypti utilizando a riqueza mineral da região. Agentes dos EUA, mosquitos famintos e conflitos políticos estão no leito desse rio de brasiliade cristalina, onde Tânia vive uma moradora que celebra os poderes analgésicos de um cigarrinho.

Um dos achados do evento holandês é o thriller de DNA francês "Mi Amor", de Guillaume Nicloux. Nele, a DJ Romy (Pom Klementieff, a Mantis de "Guardiões da Galáxia") está de férias nas Ilhas Canárias, animada pelas discotecas locais, deixando para trás uma situação familiar um tanto feroz por resolver. Pouco tempo depois da sua chegada, a amiga que a segue no passeio, desaparece sem deixar rastro e o paraíso desmorona-se. Sozinha, paranoica e roubada de seus pertences, Romy começa sua busca, até esbarrar com um estranho (Benoît Magimel) ligado a um parque onde se resgatam animais exóticos. Igualmente tensa é a situação do divo teatral Robert Zucchini, personagem esculpido pelo ator Fabrice Luchini em "Victor Comme Tout Le Monde", de Pascal Bonitzer, ao encarar uma onda de "cancelamento" contra autores seculares da Europa em meio a um confronto com ativistas – e com a filha para a qual nunca reservou a atenção necessária. Luchini mobiliza as plateias da Holanda com sua ironia habitual.

'Hamlet' com dilemas contemporânea

Montagem da Cia Teatro Esplendor, com tradução de Geraldo Carneiro e direção de Bruce Gomlevsky, estreia nova temporada no Teatro Gláucio Gil

Quatro séculos separam a escrita de "Hamlet" e a nova montagem que a Cia Teatro Esplendor apresenta no Teatro Gláucio Gil. Mas essa distância temporal se dissolve quando Bruce Gomlevsky, diretor e protagonista do espetáculo, afirma que o texto shakespeariano "dialoga diretamente com as questões político-sociais de hoje". A produção celebra os 15 anos da companhia e traz a tradução inédita do imortal da ABL Geraldo Carneiro.

A tragédia do príncipe dina-



O ator e diretor Bruce Gomlevsky dá vida ao príncipe dinamarquês em tradução do imortal Geraldo Carneiro para o clássico shakespeariano

marquês que retorna ao castelo de Elsinore após a morte do pai e descobre uma trama de traição e poder

ganha contornos contemporâneos nesta versão. Gomlevsky construiu a encenação ao longo de mais de 11 meses de laboratório de ensaios, propondo uma abordagem física e emocional que coloca o público dentro da cena. "Há muitos anos sonho em fazer Hamlet como ator.

É uma experiência mágica. Falar esse texto é como uma aula de teatro, profundamente pedagógica e rica sobre a condição humana. O príncipe é vilão e herói, trágico e cômico, cheio de camadas. Hoje me sinto pronto para esse encontro", diz o ator.

Divulgação

O diretor optou por uma experiência imersiva em que os espectadores podem se mover durante a apresentação, assistindo de diferentes ângulos. Elementos da contemporaneidade, como inteligência artificial, foram incorporados à narrativa. Outro destaque está na escalação da atriz trans Alitta de Léon para viver Fortimbrás, da Noruega. "É um personagem muitas vezes cortado, mas fundamental por simbolizar uma nova era. Aqui, representa a ruptura com o patriarcado e ajuda o público a se conectar com debates urgentes de 2025", reflete Gomlevsky sobre a escolha que dialoga com questões identitárias atuais.

O elenco reúne ainda Vítor Thiré, Glauco Guima, Gustavo Damasceno, Jaime Leibovitch, Ricardo Lopes, Sirleia Aleixo, Maria Clara Migliora e Tamie Panet, além de Andréa Bak e Guilherme Pinel. A Cia Teatro Esplendor, fundada em 2010, é considerada uma das mais relevantes da cena carioca, com linha de pesquisa que mescla rigor físico e profundidade dramatúrgica.

SERVIÇO

HAMLET

Teatro Gláucio Gil (Praça Cardeal Arcoverde s/nº) Até 9/2, sábado a segunda (20h)

Ingressos: R\$ 70 e R\$ 35 (meia)

NA RIBALTA

POR AFFONSO NUNES



Fafá em três tempos

Musical em cartaz no Teatro Riachuelo apresenta a trajetória de Fafá de Belém, uma das mais importantes (e queridas) cantoras brasileiras. A produção celebra os 50 anos de carreira da artista intercalando três momentos: o presente, memórias da infância na capital paraense marcada por lendas amazônicas, e a construção da carreira. Três atrizes interpretam a cantora em diferentes fases da vida: Laura Saab e Clarah Passos como Fafá criança, Helga Nemetik como a cantora em ascensão, e Lucinha Lins representando a artista nos dias atuais.



Heranças emocionais

O espetáculo "Uma Carta para Meus Netos" utiliza teatro de objetos e performance para abordar relações entre gerações. Brinquedos são empregados como símbolos que representam tensões e afetos familiares. Com estética intimista, a dramaturgia de Tatá Oliveira, que também atua e assina a direção do espetáculo mescla elementos autobiográficos e ficcionais, propondo reflexão sobre heranças emocionais e conflitos com linguagem cênica que busca estabelecer conexões com experiências pessoais do público. Até 8/2



Referências surrealistas

Montagem com dramaturgia e direção de Byron O'Neill, "Las Choronas" encerra temporada no CCBB RJ no domingo (8). O espetáculo foi desenvolvido de forma colaborativa a partir de improvisações, partituras gestuais e fragmentos poéticos. A criação dialoga com referências do surrealismo, como obras do cineasta David Lynch, e do teatro do absurdo de Samuel Beckett. Em cena, atores manipulam bonecos e são manipulados por eles, explorando as fronteiras entre humano e objeto, som e gesto.

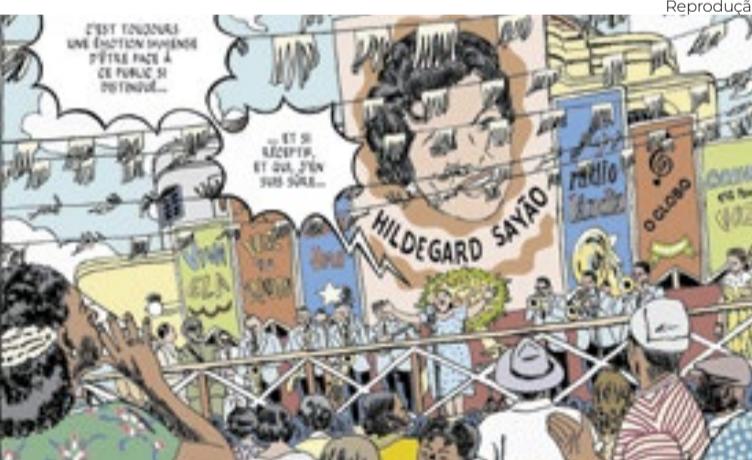
ENTREVISTA | MARCELO QUINTANILHA

QUADRINISTA



Luciana de Oliveira /Divulgação

‘Encontrar o mais profundo de si é também encontrar o Brasil’



Reprodução

O traço neorrealista de Marcelo Quintanilha conquistou o mercado europeu

RODRIGO FONSECA Especial para o Correio da Manhã

Nos EUA de 2026, a saga “Absolute Batman” (já lançada entre nós, pela Panini) é o título que mais rende fortunas para as artes gráficas, mas, na Europa, onde HQ é BD (banda desenhada), o quadrinho mais festejado do momento, recém-chegado às livrarias e às lojas especializadas, tem alma brasileira: “Eldorado”, de Marcelo Quintanilha. O Frank Miller de Niterói tem hoje 54 anos e vive fora do Brasil desde 2002, adotando Barcelona como lar. Seus títulos saem em francês, quase sempre, antes de ganharem edição por aqui. É a editora Le Lombard que lançou seu novo álbum, na última sexta-feira, e ele já virou coqueluche. Crítica e público babam, em unísso-

no, pelas inquietudes de traço neorrealista do roteirista e ilustrador laureado com o troféu Jabuti por “Hinário Nacional” e por “Escuta, Formosa Márcia” - título ganhador ainda do troféu Fauve d’Or no Festival de Angoulême, na França.

A trama de “Eldorado” revive o Brasil dos anos 1950, assumindo Duque de Caixas como arena. Ali, Hélcio e sua família vivem modestamente, mas com dignidade, graças à mercearia que têm. Mas ele e seu irmão Luiz Alberto sonham com um destino melhor. Luiz Alberto passa o tempo com a turma do bairro. Da pequena delinquência ao crime, há apenas um passo que o rapaz não hesita em dar. Hélcio, por sua vez, almeja a realização definitiva, uma carreira de jogador de futebol profissional. O Fluminense é um dos times que ganham

tradição ilustrada nesse épico sociológico de Quintanilha, inspirado livremente na vida de seu pai e perfumado com essências do thriller. Na entrevista a seguir, o bamba das HQs, famoso também no cinema pela adaptação de seu cultuado “Tungstênio”, dissecou que país ele desenha em “Eldorado”.

Como é que você avalia a reflexão sobre paternidade do seu “Eldorado”? De que modo os arquétipos de pai são discutidos ali?

Marcelo Quintanilha - A figura do pai está na centralidade da história. A presença paterna é encar-

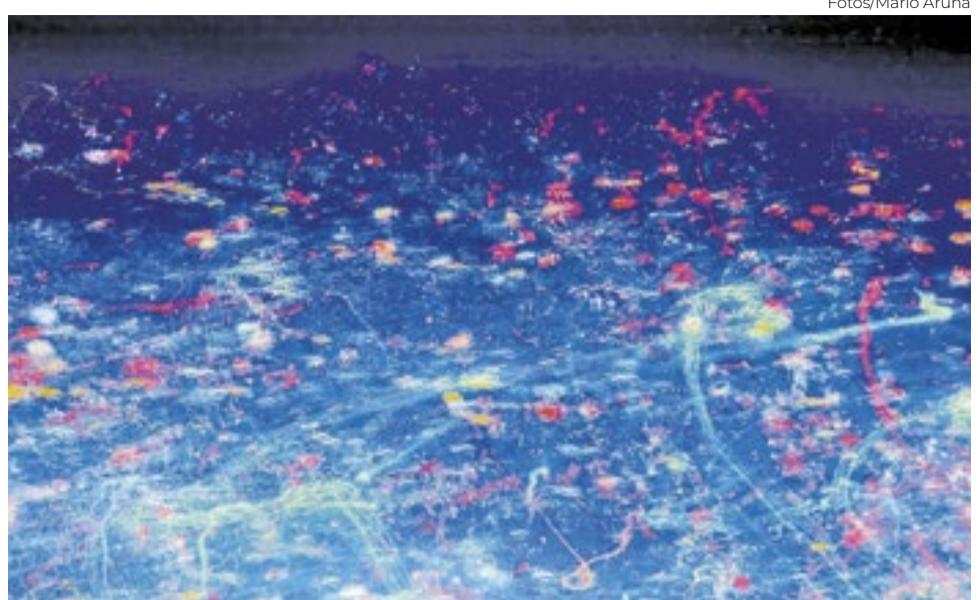
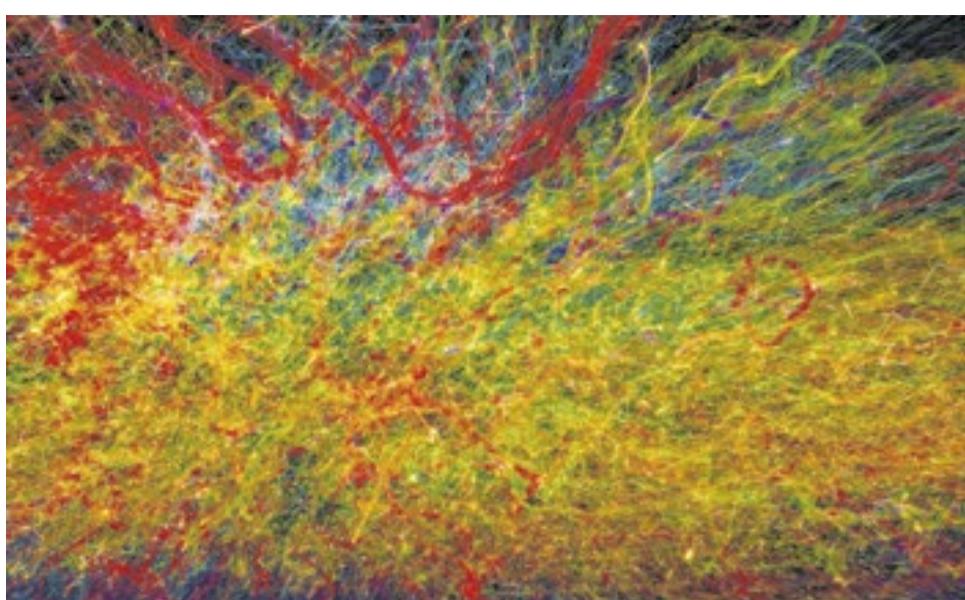
nada no arquétipo do pai austero, ríspido, de pouca instrução formal, dignificado pelo esforço do trabalho, dono de um estrito senso de justiça e moral inquebrantável. Assim como os demais personagens, também o pai almeja um eldorado particular, essa coisa por vezes indefinível, frequentemente inalcançável, que nos faz seguir adiante, buscando incessantemente. No caso de Hélcio, pai de Hélcio, este eldorado se traduz no desejo de proteger sua família, mantê-la unida, do mesmo modo que transmitir a seus filhos os valores que ele considera pertinentes.

Qual é o maior desafio de desenhar o futebol e dar a ele realismo nas páginas?

O fotojornalismo sempre foi uma das minhas maiores influências — ou referências, se você preferir. A captura de um instante preciso, sem nenhuma preparação, na qual a figura humana se mostra sem nenhum traço de intencionalidade, muitas vezes afirmado uma plasticidade que parece antagônica à ação que está sendo realizada, sempre me fascinou. Me lembro que no final dos anos 1970 e começo dos 80, passava horas e horas folheando as páginas dos jornais que traziam impressas as fotos dos jogos de futebol da rodada do dia anterior, nas quais os jogadores executavam poses inimagináveis, por vezes esdrúxulas, por vezes bizarras, por vezes dóceis e cándidas, por mais que se levasse em conta a violência com que chutavam a esfera de couro. Foi meu aprendizado de anatomia. Isto marcou não somente meu entendimento do que poderia ser a representação anatômica da figura humana e do movimento em sua integralidade, mas também abriu as portas para a tradução gráfica do esporte.

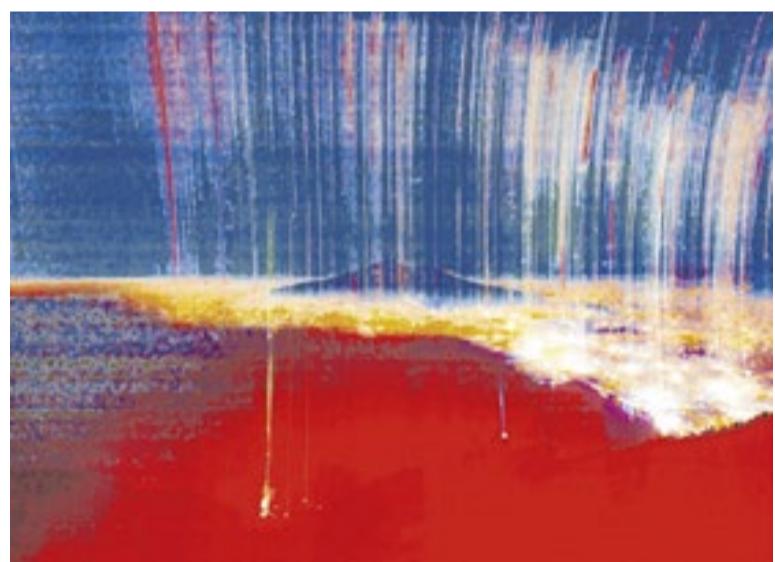
De todos os seus quadrinhos, “Eldorado” é o que mais me reforça a ideia de inventário de solidões que percorre a tua obra gráfica. O que essa solidão revela sobre o Brasil?

O Brasil expresso nas minhas histórias é o Brasil que me formou como pessoa. Nossa condição de indivíduos é atravessada pelas idiossincrasias que caracterizam o país. Todas as minhas histórias representam um encontro com aquilo que de mais profundo existe na minha percepção de mundo e ela está intrinsecamente ligada à cultura brasileira. Se entendemos como “inventário de solidões” o somatório de diferentes visões de mundo — expressas pelos personagens — perpassadas pelas dinâmicas que definem sua individualidade — marcadas pela cultura brasileira —, então podemos dizer que encontrar o mais profundo de si é também encontrar o Brasil.



Uma cidade em chamas de luz

Fotógrafo italiano Mario Amura captura ritual pirotécnico de réveillon de Nápoles em exposição que dialoga com tradição carioca



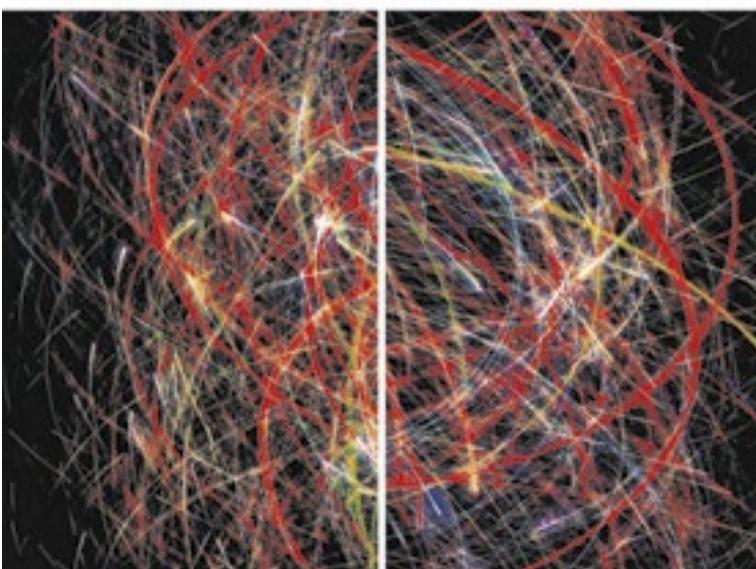
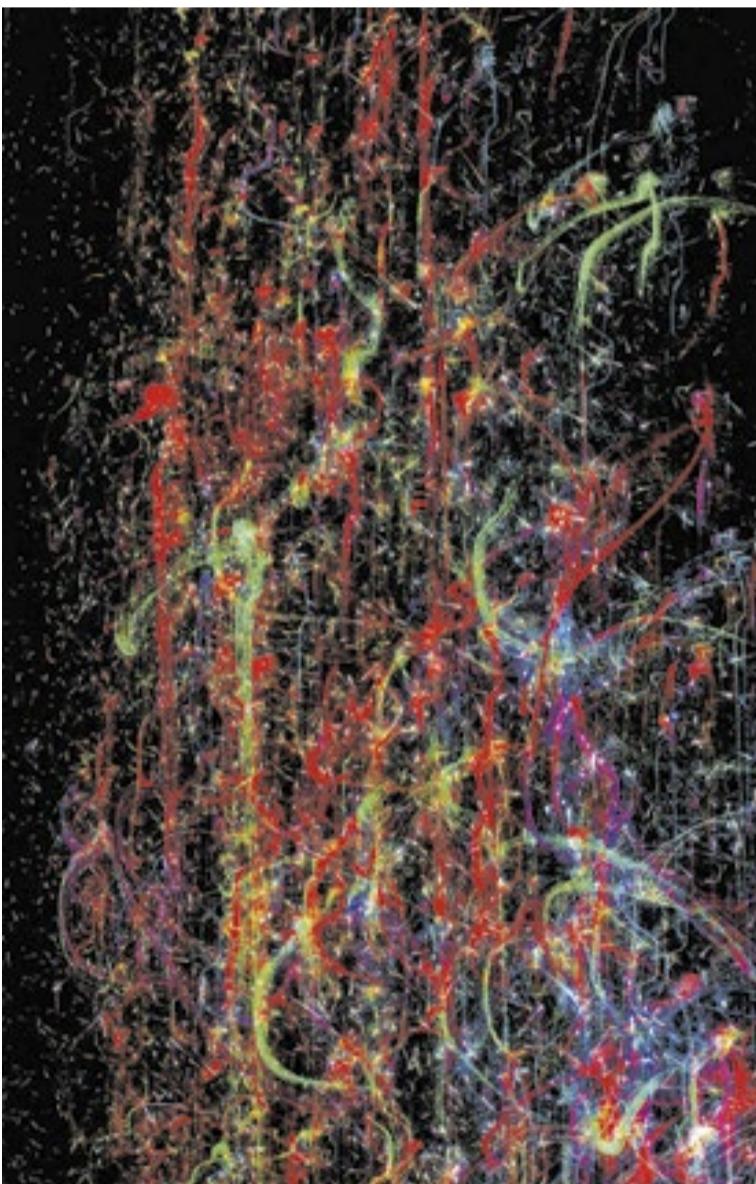
A exposição reúne imagens produzidas pelo fotógrafo Mario Aruna durante os festejos de fim de ano em sua cidade natal

AFFONSO NUNES

Todo dia 31 de dezembro, quando a noite toma conta do golfo de Nápoles, o fotógrafo Mario Amura sobe o Monte Faito acompanhado de uma equipe de amigos. Lá do alto, observa um dos eventos mais impressionantes do Mediterrâneo: o momento em que o povo napolitano transforma o temor ancestral do vulcão Vesúvio em uma festa de luz feita de centenas de milhares de fogos de artifício. O resultado de 13 anos desse trabalho obsessivo está reunido na exposição “Nápoli Explosion. Fogos, Cores, Luzes”, em cartaz no Polo ItaliaNoRio, quer faz parte das celebrações dos 2.500 anos da cidade italiana.

A mostra apresenta 20 obras fotográficas de formato médio, além de um vídeo-documentário de 18 minutos. As imagens não se limitam a descrever o fenômeno pirotécnico: evocam nuvens, criaturas e constelações que emergem da escuridão. “Os napolitanos exorcizam o temor pela erupção do vulcão, fazendo explodir em luzes e cores todo o golfo de Nápoles”, afirma Amura. “Lá do alto, a cidade se transforma em um horizonte invertido, em uma paisagem cósmica onde os fogos se tornam pinceladas de pura emoção”, completa o fotógrafo.

O evento napolitano e sua grandeza nos fazem evocar o réveillon de Copacabana.



Nascido em Nápoles em 1973, Amura iniciou sua formação no Centro Sperimentale di Cinematografia. Entre 2000 e 2012, assinou a direção de fotografia de obras exibidas em festivais como Cannes, Berlim e Veneza. Em 2003, conquistou o David di Donatello pelo curta *Racconto di Guerra*. Desde 2005, dedica-se ao projeto StopEmotion, pesquisa fotográfica voltada para a fragmentação do tempo em picos emocionais.

Em “Nápoli Explosion”, Amura subverte o imaginário iconográfico do Vesúvio. Enquanto nas obras de Turner, Voltaire e Warhol o vulcão aparece colorido pela lava, no trabalho do fotógrafo italiano ele surge como sombra silenciosa, submersa pela explosão dos fogos. “É uma exposição em que a fotografia, a pintura e a arte pirotécnica convergem em um único evento extraordinário”, afirma Sylvain Bellenger, ex-diretor do Museu de Capodimonte.

“Durante a virada do ano, Nápoles vibra com milhares de pessoas que fazem explodir ou assistem à explosão desses fogos, sem saber que estão contribuindo para uma obra pictórica coletiva”, observa Salvatore Settis, presidente do Comitê Científico do Louvre. Cada fotografia é uma estratificação de tempo e luz, pintura fotográfica que une a precisão do fotojornalismo à sensibilidade pictórica.

SERVIÇO

NÁPOLI EXPLOSION. FOGOS, CORES, LUZES

Polo ItaliaNoRio (Av. Presidente Antônio Carlos, 58, Centro) Até 10/2, de segunda a sexta (10h às 18h) Entrada franca